

COELHO, F. A.; PALOMANES, R. (orgs.) *Ensino de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2016. 126 p.

ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Dennis Castanheira¹

Ao longo dos últimos anos, as publicações sobre ensino de língua portuguesa têm recebido bastante atenção das editoras especializadas em linguística, constituindo, por vezes, coleções inteiras. Muitas editoras também têm apostado em reedições de livros que apresentem, de maneira ampla, reflexões que possam ser úteis para os pesquisadores da área que atuam também no ensino básico. O livro aqui resenhado, “Ensino de produção textual”, insere-se no paradigma atual que expusemos em que publicações sobre ensino de língua portuguesa passam a ganhar destaque nos catálogos das editoras brasileiras.

Publicada pela Contexto, a obra chegou ao mercado editorial em 2016. Com um “time” de autores bastante conhecidos, “Ensino de produção textual” destaca-se ao selecionar e se aprofundar em uma das práticas de linguagem defendidas por Geraldi e, posteriormente, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na década de 1990: a produção de textos. Quanto aos aspectos formais, o livro apresenta *design* e editoração bem feitos, além de uma clara divisão de capítulos de acordo com os autores apresentados.

A obra é organizada por Fábio André Coelho, professor de Língua Portuguesa e Filologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e Roza Palomanes, professora de Linguística da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Palomanes, vale ressaltar, já organizou, também pela Contexto, o livro “Práticas de ensino do português”. Os demais autores da obra são, no geral, já conhecidos pelos leitores da própria editora e/ou das publicações sobre ensino no Brasil, sobretudo, Irandé Antunes, Luiz Carlos Travaglia e Leonor Werneck dos Santos.

No texto “Apresentação”, escrito pelos organizadores da obra, Fábio André Coelho e Roza Palomanes, os autores optam por fazer uma justificativa da existência do livro, ressaltando sua experiência como professores de ensino fundamental, médio e superior e

¹ Mestrando em Linguística com bolsa CAPES na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participa do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UFRJ) e do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (UFRJ). Orientado por: Maria Maura Cezario e Leonor Werneck dos Santos

também como pesquisadores. Por fim, apresentam a proposta geral da publicação, ressaltando o caráter prático dos capítulos elaborados pelos demais pesquisadores. Destaca-se que Coelho e Palomanes não fizeram um panorama capítulo a capítulo, o que pode ser negativo, tendo em vista que os capítulos do livro também não apresentam um resumo precedente à pesquisa. Ou seja, o leitor não tem acesso prévio ao que trata o texto antes de sua leitura.

No capítulo “Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das competências em escrita”, Irlandé Antunes recorre a outros consagrados autores da área de texto/discurso, como Patrick Charaudeau, Jean Michel Adam e Dominique Maingueneau, para debater três questões: a (não) necessidade de desenvolver competências em escrita; quais seriam essas competências; quais práticas poderiam promover seu desenvolvimento. De forma absolutamente clara e didática, a autora debate esses aspectos, recorrendo, inclusive, a boxes resumitivos e a reflexões sobre as condições de trabalho do professor. Irlandé Antunes finaliza seu artigo com alguns questionamentos provocativos: “Como tem acontecido o trânsito das teorias linguísticas desde a academia até a prática nas escolas? Por que, pelo que parece, o estudo dessas teorias pouco repercute na sala de aula? (...) De quem é essa problema?” (COELHO; PALOMANES, 2016, p. 21).

No capítulo denominado “Correção e avaliação de textos”, Leonor Werneck dos Santos e Claudia de Souza Teixeira buscam apresentar uma alternativa para uma problemática antiga, mas absolutamente atual: a correção de textos em sala, sobretudo de redações. As autoras utilizam as preconizações dos PCN e autores como Irlandé Antunes e João Wanderley Geraldí como primeiro passo para suas reflexões. Posteriormente, recorrem a um relato de experiência que demonstra alguns problemas da correção de redações em contexto escolar. Logo após, apresentam um inovador quadro com propostas de pontuações a partir de três competências, sendo a terceira dividida em dois quadros a serem utilizados de acordo com a tipologia pedida (narração ou argumentação). As autoras ainda dedicam um espaço ao papel do *feedback* na correção dos textos e, por fim, aplicam seus critérios, de forma clara e contundente, num resumo real produzido por um aluno. O capítulo, além de didático e esclarecedor, demonstra ser um grande acerto, sobretudo, pela montagem de uma nova proposta de quadro avaliativo seguida de uma aplicação em um texto real.

Já no capítulo “Como inserir a escrita argumentativa em sala de aula”, Roza Palomanes e Lygia Maria também têm como objetivo discutir o ensino de textos argumentativos. As autoras apresentam, em linhas gerais, em que consiste a abordagem metacognitiva, retomando estudos importantes na área a partir de Flavell (1979). De forma

breve e clara, elas demonstram que essa visão está pautada na Linguística Cognitiva e “tem como premissa viabilizar a consciência do indivíduo acerca do seu processo de aprendizagem” (COELHO; PALOMANES, 2016, p. 44). Posteriormente, recorrem a um relato de experiência com um heterogêneo grupo de alunos de oitavo ano de uma escola municipal do Rio de Janeiro. A vivência é pautada numa sequência didática e de uma sugestão de aplicação em sala de aula a partir de um tema específico: o uso de celulares na sala. As autoras ressaltam, por fim, que suas sugestões devem ser adaptadas de acordo com a realidade pedagógica de cada professor.

No capítulo “Ideias e práticas na produção textual”, de Maria Teresa G. Pereira, há um destaque para um pouco caro aos estudos linguístico-pedagógicos: a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A autora discute, no início do artigo, o perfil socioeconômico dos brasileiros e busca relacionar com o segmento ao qual tem se dedicado: EJA. Posteriormente, ela recorre à proposta de Ronald Claver baseada em etapas – “ler, refletir, pensar e, se possível, viajar” (COELHO; PALOMANES, 2016, p. 59) – e retoma algumas diretrizes oficiais para o ensino de língua portuguesa, sobretudo os PCN. Apresenta, também, sua experiência enquanto professora do EJA em turmas do noturno de uma escola e discute a relevância do texto para o contexto pedagógico. Demonstra, por fim, a importância das etapas de escrita: pré-escrita, revisão, leitura em voz alta, etc. O capítulo, então, não enfoca em elementos linguísticos ou propostas concretas para o ensino, mas é relevante ao servir como instrumental para reflexões docentes, sobretudo do segmento EJA.

Em “Ensinando a documentar o pensamento”, Darcília Simões busca discutir como é difícil levar o aluno a entender a importância das aulas de língua portuguesa como língua materna (L1). A autora ressalta, retomando Halliday & Hasan ([1976] 1985), a existência de três componentes semântico-funcionais – ideacional, interpessoal e textual – e a necessidade de sua exposição para os alunos, tendo em vista a “demanda conhecer formas e procedimentos linguísticos que operam a mediação entre mundos diversos, sentimentos, ideias, ideais, visões de mundo” (COELHO; PALOMANES, 2016, p. 76). Ela segue o capítulo apresentando seções que remetem à linguística sistêmico-funcional e a seus pressupostos teóricos. Posteriormente, recorre a quadros que elencam itens lexicais, seus usos e suas relações com os gêneros textuais. Embora busque o didatismo, o capítulo é o menos fluido na obra. Apesar disso, tem como contribuição o foco no léxico, ponto que os demais não focalizam.

No capítulo “Planejamento de textos para sua produção”, Luiz Carlos Travaglia, a partir de uma abordagem bastante didática e clara, discute a constituição de diferentes textos,

levando em conta aspectos como o gênero e o suporte. O autor aponta que é preciso decidir, quando se produz um texto, o que dizer, como dizer, quais elementos serão usados em superestrutura e como organizar esses itens diante do gênero, do tipo textual e da organização tópica. Travaglia recorre ao trabalho de Jubran *et al.* (1992) sobre tópico discursivo para, posteriormente, analisar sua organização num texto multimodal que se encontra em preto e branco. Após a análise, o autor ainda discute estratégias para o ensino de produção de textos a partir de esquemas bastante didáticos e que podem ser facilmente aplicados em sala de aula. O capítulo cumpre o que é proposto de forma bastante adequada, mas apresenta um ponto negativo: a apresentação de um texto multimodal sem suas cores. Esse ponto é prejudicial, pois o texto destacado por Travaglia não é colocado diante de todos os seus recursos semióticos, o que torna a análise menos rica ao leitor. Ressalta-se, porém, que questões editoriais ligadas ao custeio do livro podem ter levado a tal decisão. Ainda assim, é uma grande contribuição para o ensino reflexivo de produção textual.

No último capítulo do livro, “As perspectivas dos PCNs para o ensino reflexivo da língua e da produção de textos”, escrito pelo organizador Fábio André Coelho, há apresentação dos PCN e de diversas de suas preconizações para o ensino de língua portuguesa, levando em consideração tanto a gramática como a produção de textos. Bastante breve e focando em aspectos teóricos do ensino, o capítulo apresenta uma abordagem coerente e contextualizada da publicação dos parâmetros. Como problemática, contudo, é preciso ressaltar que devido ao seu forte caráter teórico – mesmo se tratando de ensino –, talvez fosse mais eficiente colocá-lo no início da obra, inclusive como capítulo inicial. Posteriormente, poderiam ser distribuídos os demais em eixos mais ou menos práticos.

A obra “Ensino de produção textual”, da editora Contexto, apresenta, ao longo de seus capítulos, portanto, um instrumental teórico-metodológico atual e diversificado, sendo bastante relevante para os docentes e discentes da área de linguística/letras. Um dos grandes méritos da obra a que é válido fazer menção está em oferecer perspectivas atualizadas sobre a produção de textos pela ótica de autores já consagrados da área. Além disso, ao não utilizar uma nomenclatura excessivamente técnica, o livro torna-se mais acessível a um público heterogêneo que pode comprá-lo e/ou consultá-lo. Vale ressaltar, ainda, que poderiam constituir boas estratégias a reorganização da ordem dos capítulos e a inclusão mais efetiva de gêneros orais e multimodais. Numa próxima edição ou em futuras obras, devem ser focalizados esses aspectos sem esquecer, evidentemente, dos textos escritos monomodais. O livro, então, preenche, com louvor, um importante espaço no mercado editorial brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FLAVELL, J. H. Metacognition and cognition monitoring: a new area of cognitive-developmental inquiry. *American Psychologist*, v. 34, n. 10, out. 1979.

HALLIDAY, M. A.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Oxford University Press, 1985 [1976].

JUBRAN, C. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado – níveis de análise linguística*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992, v. 2, pp. 357-447.